

O “nós” e o “outro” no discurso midiático tradicional e comunitário sobre imigrantes: uma proposta de atualização a partir de Simmel e Park¹

Camila Escudero²

Recibido: 31 de agosto de 2020 / Aceptado: 26 de diciembre de 2020

Resumo. Este artigo propõe uma reflexão a partir dos conceitos de “o estrangeiro” (Simmel, 2005), e do “homem marginal” (Park, 2017) na construção do discurso jornalístico sobre o imigrante na contemporaneidade. O objetivo é verificar como o conflito de vozes presentes nos textos têm particular relevância na imagem de “nós” e do “outro” e como ele aparece na mídia tradicional e na comunitária. A metodologia utilizada é a Análise do Discurso aplicada à notícia de um ataque contra imigrantes bolivianos em São Paulo, em 2019. Destacamos que ao estabelecer a relação “nós” e o “outro”, o discurso da mídia tradicional privilegia as diferenças, trata o imigrante como um estranho, que não faz parte da cultura local, sendo confinado a territórios e condições marginais. Tal imagem tende a ser desconstruída pelo discurso produzido pela mídia comunitária, que evidencia o ato de migrar como um processo contínuo e subjetivo de transformação.

Palavras-chave: Imigração; Comunicação; análise do discurso; mídia comunitária; bolivianos em São Paulo.

[es] El “nosotros” y el “otro” en el discurso de los medios tradicionales y comunitarios sobre los inmigrantes: una propuesta de actualización de Simmel y Park

Resumen. Este artículo propone una reflexión a partir de los conceptos de “extranjero”, de Simmel (2005), y de “hombre marginal”, de Park (2017), en la construcción del discurso periodístico sobre el inmigrante en la actualidad. El objetivo es verificar cómo el conflicto de voces presente en los textos publicados por la prensa tiene especial relevancia en la imagen de “nosotros” y del “otro” y cómo aparece en los medios tradicionales y comunitario. La metodología utilizada es Análisis del Discurso aplicada a la noticia de un atentado contra inmigrantes bolivianos en São Paulo, en 2019. Destacamos que al establecer la relación entre “nosotros” y el “otro”, el discurso de los medios tradicionales privilegia las diferencias, trata al inmigrante como un extraño, que no forma parte de la cultura local, confinado a territorios y condiciones marginales. Tal imagen tiende a ser desconstruida por el discurso producido por el medio comunitario, que resalta el acto de migrar como un proceso continuo, subjetivo de transformación.

Palabras clave: Inmigración; Comunicación; análisis del discurso; medios comunitarios; bolivianos en São Paulo.

[en] The “us” and “the other” in the media discourse about immigrants: an update proposal from Simmel and Park

Abstract. This article suggests a reflection from the “foreigner”, by Simmel (2005), and “marginal man”, by Park (2017), concepts in the construction of the journalistic discourse about the immigrant on the contemporary times. The objective is to verify how the conflict of the voices presents in texts published by the press have relevance of images of “us” and “the other” and how it appears in the traditional and community media. The methodology used is Discourse Analysis applied to journalistic articles about an attack against Bolivian immigrants in São Paulo, in 2019. We highlight that in establishing a relationship between “us” and “the other”, the discourse of the traditional media privileges differences, treats the immigrant as a stranger, who is not part of the local culture, being confined to the territories and marginal conditions. This image can be deconstructed by the discourse produced by the communitarian media, which evidence migration act not as a continuum process, in subjective ways of transformation.

Keywords: Migration; Communication; discourse analysis; communitarian media; Bolivians in São Paulo city.

Sumario. 1. Introdução. 2. De ‘o estrangeiro’, de Simmel, ao ‘homem marginal’, de Park. 3. Discurso migratório midiático tradicional versus comunitário. 3.1. Função de mostração. 3.2. Função de interação. 3.3. Função de sedução. 4. O reconhecimento dos elementos discursivos de identificação (“nós” e o “outro”) atualizados a partir de Park e Simmel. 5. Considerações finais. 6. Referências.

Cómo citar: Escudero, C. (2021). O “nós” e o “outro” no discurso midiático tradicional e comunitário sobre imigrantes: uma proposta de atualização a partir de Simmel e Park. *Estudios sobre el Mensaje Periodístico* 27 (1), 85-93. <https://dx.doi.org/10.5209/esmp.71259>

¹ Os recursos teóricos-metodológicos utilizados neste artigo, bem como o próprio objeto, fazem parte de uma pesquisa mais ampla, intitulada ‘A natureza das experiências e dos contextos de práticas midiáticas envolvendo imigrantes na cidade de São Paulo’, que vem sendo desenvolvida pela autora desde o início de 2019 com auxílio da Fapesp e CNPQ.

² Universidade Metodista de São Paulo (Brasil)
E-mail: camilaescudero@uol.com.br

1. Introdução

Na primeira metade do século XIX, os estudos de Simmel e Park sobre “o estrangeiro” (1908) e o “homem marginal” (1928), respectivamente, deram novos impulsos aos estudos migratórios ao discorrer sobre as relações sociais entre sujeito deslocado e grupo a partir de aspectos espaciais (território), econômicos (especialmente o comércio) e culturais (assimilação e aculturação). Tratam-se de três pontos que aparecem interligados nas obras de ambos os autores que muito contribuíram para o desenvolvimento dos estudos científicos da área, principalmente sobre os efeitos sociais que a questão migratória produz, bem como a elaboração e a interpretação dos mais variados discursos envolvidos.

Ambos os autores pertencem à corrente conhecida como sociologia urbana, da qual Simmel é considerado um dos fundadores e que privilegia as formas de vida social a partir das relações que unem grupos de indivíduos. Para Simmel, a sociedade não é só um conjunto complexo de indivíduos e grupos unidos, mas todos os elementos que favorecem o encontro de indivíduos em reciprocidade de ação constituindo unidades permanentes ou passageiras. Tais ideias interacionistas têm conexão em diferentes momentos e maneiras, com proximidades e distâncias, com a Escola de Chicago – da qual Park foi um dos grandes expoentes –, foco das pesquisas sobre integração e assimilação dos imigrantes nos Estados Unidos, principalmente no que se refere à capacidade da sociedade norte-americana em assimilar minorias étnicas.

As ideias de Park e Simmel foram fundamentais para entender o status de estranho e a condição de marginalidade que o imigrante enfrenta na sociedade receptora. Assim, no presente artigo³, interessa-nos refletir sobre a questão de “o estrangeiro” e do “homem marginal” no discurso midiático produzido e de que maneira ambos os conceitos se relacionam com o imigrante na contemporaneidade. Especificamente, como o conflito de vozes presentes nos textos publicados pela imprensa têm, entre outras questões, particular relevância na construção das imagens de “nós” e do “outro”. E ainda: como se dá a construção desse conflito na mídia tradicional e na comunitária (*de* e *para* imigrantes).

Para isso, propomos uma Análise do Discurso (AD) de textos produzidos pela imprensa na cobertura midiática da morte de dois imigrantes bolivianos que viviam em São Paulo, no dia 18 de agosto de

2019. Ambos foram mortos a tiros em dois ataques a bala diferentes, realizados no bairro do Pari. Além dos dois mortos – Roger Lipa Chambe, 29 anos, e Santos Rodrigues Apaza, 40 anos – um terceiro imigrante – Tito Cruz Villca, 31 anos – ficou ferido. O *corpus* analisado é a notícia sobre o fato produzida pelo Estadão Conteúdo e divulgada pelos portais jornalísticos tradicionais Estadão⁴, UOL⁵ e R7⁶, e a veiculada pelo jornal comunitário Bolívia Cultural⁷.

AAD proposta se baseia nas ideias de Pinto (2002), a partir da tradição francesa, que procura explicar e avaliar criticamente os processos de produção, circulação e consumo dos sentidos vinculados a produtos culturais, especificamente produtos de comunicação (objeto deste estudo). No caso deste artigo, com base nas ideias desse autor, consideraremos no processo de análise: a) a identificação e classificação dos operadores enunciativos ou trocados nos debates; e b) o reconhecimento dos elementos discursivos de identificação (“nós” e o “outro”).

Nossa hipótese é a de que o imigrante contemporâneo ainda é representado pelo discurso tradicional e hegemônico como “o estrangeiro”, de Simmel, e o “homem marginal”, de Park, e que outras formas de discurso, como o comunitário, podem se apresentar como um recurso para tal desconstrução ao disseminar informações e instrumentos que favorecem outras leituras, mais críticas e conscientes da realidade.

2. De ‘o estrangeiro’, de Simmel, ao ‘homem marginal’, de Park

Ao discorrer sobre a personalidade do indivíduo na sociedade em termos de movimento – o ir e vir – Simmel começa explicando que não utiliza o termo “estrangeiro” em seu significado habitual, ou seja, àquele indivíduo que chega hoje e vai embora amanhã, um turista ou viajante, por exemplo. Mas aquele que chega a um território e fica para permanecer. Nesse sentido, ele está fixo dentro de um determinado raio espacial, mas sua posição nesse é determinada “pelo fato de não pertencer imediatamente a ele, e suas qualidades não podem originar-se e vir dele, nem nele adentrar-se” (Simmel, 2005 p. 265).

Essa breve ideia mostra como o território é compreendido pelo autor não só no sentido físico, mas, também, como uma substância delongada da vida do sujeito e, nesse caso, “o estrangeiro é sentido, então, precisamente, como um estranho, isto é, como um

³ Os recursos teóricos-metodológicos utilizados neste artigo, bem como o próprio objeto, fazem parte de uma pesquisa mais ampla, intitulada “A natureza das experiências e dos contextos de práticas midiáticas envolvendo imigrantes na cidade de São Paulo”, que vem sendo desenvolvida pela autora desde o início de 2019 com auxílio da Fapesp e CNPQ.

⁴ Disponível em: <https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,tres-bolivianos-sao-baleados-no-pari-dois-morrem,70002974329>. Acesso em 20 fev. 2020.

⁵ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2019/08/19/tres-bolivianos-sao-baleados-no-pari-dois-morrem.htm>. Acesso em 20 fev. 2020.

⁶ Disponível em: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/dois-bolivianos-morrem-e-um-fica-ferido-apos-ataques-a-tiros-em-sp-19082019>. Acesso em 20 fev. 2020.

⁷ Disponível em: <https://www.boliviacultural.com.br/noticia/assassinato-acaba-com-o-sonho-de-duas-familias-bolivianas-na-ponte-da-vila-guilherme>. Acesso em 20 fev. 2020.

outro não ‘proprietário do solo’” (Simmel, 2005, p. 266) ao qual pertence ou deveria passar a pertencer. Os efeitos dessa questão com o território são inúmeros, sendo sentidos numa relação de proximidade e distância.

Esta constelação de sentidos em relação ao estrangeiro, me parece, agora, possuir uma predominância de princípio extraordinária sobre os indivíduos para ser possuidora, apenas, de relacionamento na questão concernente a um campo comum referenciado. O estrangeiro parece próximo, na medida em que a ele o outro da relação se iguala em termos de cidadania, ou em termos mais social em função da profissão, criando laços internos entre as partes inter-relacionadas. O estrangeiro parece mais distante, por outro lado, na medida em que esta igualdade conecta apenas os dois da relação de forma abstrata e geral, não havendo assim laços de pertença (Simmel, 2005, p. 269).

Na prática, essa proximidade daria liberdade ao estrangeiro ao lhe permitir examinar as relações de perda, medir os ideais mais gerais e mais objetivos envolvidos, uma vez que não se encontra preso na sua ação por costumes, piedade, ou antecedentes de dependência (Simmel, 2005, p. 268). Por outro lado, a distância e o relacionamento realizado de forma isolada não emitiria nenhuma necessidade interna de laços e, sim, mais exclusão, chegando esse sujeito a ser considerado um “inimigo interno”. “Há um tipo de ‘estranhamento’, em que uma comunidade direta constituída sobre um solo qualquer, para qual é elemento compreensivo, se vê excluída (...), onde é negado, precisamente ao outro, as qualidades gerais do humano” (Simmel, 2005, p. 269-270).

Assim, para Simmel (2005), essa relação de proximidade e distância passa a ser um não-relacionamento ou, mais precisamente, a percepção da existência de algo não comum. Em outras palavras: é nesse ponto que o estrangeiro ganha o status de estranho em relação a certo tipo de indivíduo definido socialmente, gerando tensões mútuas, ainda que ele seja um membro orgânico do grupo e compartilhe realidades sociais comuns. O fato de transitar por diferentes grupos apresenta a possibilidade de ruptura e transformação, simultaneamente, que traz inovação, mas também ameaças.

Na reação com um ‘estrangeiro’ ou ‘estranho’, em um sentido positivo, porém, que existe é um não-relacionamento. Nos contatos possíveis ele, o estranho, é sempre considerado como alguém de fora como um não membro do grupo, portanto as relações se dão a partir de um certo parâmetro de distanciamento objetivo, mas partindo das características essenciais de que também ele é um membro de um outro determinado grupo. Como tal, os contatos com ele são, ao mesmo tempo, estreitos e remotos, na fragmentação das relações por onde uma abstrata igualdade humana em geral se encontra (Simmel, 2005, p. 270).

Park (2017, p. 118) também aborda a presença do estrangeiro no outro território, contemplada em seus aspectos subjetivos, ou seja, como se manifesta no tipo novo de personalidade que produz, e não apenas como se mostra nas mudanças físicas, nos hábitos e costumes. O autor refuta as teorias evolucionistas da civilização, ao destacar a natureza mista das raças, consequência do contato e da comunicação.

Assim como Simmel, Park (2017) considera o território uma prolongação da vida do sujeito, mas destaca o aspecto laboral nas interações sociais. “No entanto, em um longo prazo, os povos e as raças que vivem juntos, compartilhando a mesma economia, inevitavelmente se cruzarão, e dessa maneira, se não houvesse outras, as relações meramente cooperativas e econômicas se tornarão sociais e culturais” (Park, 2017, p. 120).

Tal cruzamento na sociedade moderna, para o autor, é essencial para emancipar o homem individual, e seus companheiros, do controle da natureza e das circunstâncias que dominava completamente o homem primitivo.

A imigração como fenômeno social deve ser estudada não apenas em seus efeitos mais grosseiros, como se manifesta nas mudanças, no costume e nos mores, mas pode ser contemplada em seus aspectos subjetivos, como se manifesta no tipo novo de personalidade que produz. Quando a organização tradicional da sociedade desmorona, como resultado do contato e colisão com uma nova cultura estrangeira, o efeito é, por assim dizer, o de emancipar o homem individual. As energias anteriormente controladas pelo costume e pela tradição são isentadas. O indivíduo torna-se livre para novas aventuras, mas ele encontra-se mais ou menos sem direção e controle (Park, 2017, p. 118).

Assim, os efeitos positivos dessa situação emancipatória como, por exemplo, a visão cosmopolita do indivíduo, seu desenvolvimento intelectual etc. passam a dar espaço para a vivência de uma realidade típica, que se localiza entre a segurança calorosa do território de origem, que ele abandonou, e a liberdade fria do território de acolhida, na qual ele ainda não se sente em casa (Park, 2017, p. 121). Soma-se a isso os problemas raciais que, para Park, emergem de situações em que a assimilação e amalgamação não ocorreram, ou ocorrem muito devagar. “O principal obstáculo para a assimilação cultural das raças não é o seu aspecto mental diferente, mas sim os seus traços físicos divergentes (Park, 2017, p. 120)”.

É nesse contexto que surge o “homem marginal”, um sujeito à margem de duas culturas e duas sociedades, que nunca completamente se interpenetram e se fundem e que as circunstâncias o condenaram a viver assim, em dois mundos, em nenhum dos quais ele não pertence.

(...) um híbrido cultural, um homem que vive e compartilha intimamente a vida cultural e as tradições

de dois povos distintos; nunca muito disposto a quebrar, mesmo que ele tenha permissão de fazê-lo, o seu passado e suas tradições, e não muito aceito, por causa do preconceito racial, na nova sociedade em que agora procurava encontrar um lugar. É um homem à margem de duas culturas e duas sociedades, que nunca completamente se interpenetram e se fundem (Park, 2017, p. 121).

Essa situação de marginalidade acaba por afetar a autoconsciência do sujeito deslocado. De acordo com Park, trata-se de um período de transição psicológica eterno ou uma crise relativamente permanente. O resultado é que isso tende a se tornar um tipo de personalidade. O desafio, entretanto, estaria na negociação do conflito – interno e externo – o que não necessariamente, implica a substituição das diferenças culturais, mas o convívio, a interação e o consequente enriquecimento social.

É na mente do homem marginal que a turbulência moral que os novos contatos culturais ocasionam, se manifestam nas formas óbvias. É na mente do homem marginal, por fim – onde as mudanças e fusões da cultura estão acontecendo –, que podemos estudar melhor os processos de civilização e do progresso (Park, 2017, p. 122).

Tais ideias de ambos os autores está bastante relacionada, na atualidade, com o conceito de “dupla ausência”, de Sayad (1998), muito trabalhado no campo dos estudos migratórios. De acordo com o autor, contemporâneo em relação a Simmel e Park, o termo decorre das dificuldades do imigrante em atuar social e politicamente tanto no país de origem como no país de destino; fisicamente afastado de um e social e politicamente alijado no outro. Cesura inicialmente provisória ou justificada como tal que, logo, descobre-se douradura ou definitiva e acaba subvertendo os modos de produção de subjetividade do migrante e solapando seus desenhos sociais e existenciais.

Sayad (1998, p. 46) sugere que são as comunidades de origem que acabam por considerar seus emigrantes como simples ausentes: por mais longa que seja sua ausência, eles sempre são chamados a retornar (quando não por necessidade), idênticos ao que eram, ao lugar que jamais deveriam ter abandonado e que só o fizeram provisoriamente. Ao mesmo tempo, é a sociedade de imigração que, ao definir para o trabalhador imigrante um estatuto que o instala na provisoriedade enquanto estrangeiro, nega-lhe todo o direito de uma presença reconhecida como permanente. Isso significa que, o migrante exista de outra forma que não na modalidade de uma presença apenas tolerada, como se esse provisório pudesse ser definitivo ou pudesse se prolongar de maneira indeterminada.

Esta realidade, assim como os esforços que fazemos para poder superá-la, não são dados obtidos a partir da experiência subjetiva e individual, das dificuldades suportadas de modo isolado e sublimados graças à encenação poética e à melancolia da nostalgia. São dados essencialmente políticos, constitutivos de nosso ser político e que, já que uma coisa remete necessariamente a outra, de todo nosso mundo político. E também de nossa própria visão de mundo político e social: neste caso concreto, esta visão seria como uma divisão entre o nacional e o que não é, entre uma presença nacional e uma presença estrangeira, entre o status de uma e o status de outra (Sayad, 2010, p. 28).

3. Discurso migratório midiático tradicional versus comunitário

A Análise do Discurso (AD) realizada neste trabalho segue as orientações de Pinto (2002), que se concentra em explicar e avaliar criticamente os processos de produção, circulação e consumo dos sentidos vinculados a produtos culturais, especificamente produtos de comunicação, entre eles o texto jornalístico (objeto deste estudo). Segundo o autor (2002, p. 11-12), os produtos culturais são entendidos como textos, como formas empíricas da linguagem verbal, oral ou escrita. A análise do texto jornalístico inserida nesse universo, por exemplo, deve tomar como ponto de partida o texto publicado, associando-o a certas pistas materiais encontradas e sua superfície às práticas socioculturais no interior das quais surgiu, ou seja, ao seu contexto de produção.

Para Pinto (2002, p. 65), esse tipo de material revela três funções básicas: “construir o referente ou universo de discurso ou mundo do qual seu texto fala (função de mostração), estabelecer os vínculos socioculturais necessários para se dirigir ao seu interlocutor (função de interação) e distribuir os afetos negativos e positivos cuja hegemonia reconhece e/ou quer ver reconhecida (função de sedução)”. Isso porque, ainda de acordo com o autor (2002), todo evento de comunicação é ou faz parte de um ritual social cujas convenções deve seguir; a contextualização passa sempre por mediações; as marcas discursivas são o resultado das convenções de codificação exigidas pelo contexto social em que se dá o evento comunicacional; o universo dos discursos produzidos em uma sociedade se organiza em séries ou redes discursivas.

Assim, são essas três funções, especificamente, que serão analisadas no *corpus* aqui estudado. Antes de prosseguirmos, faz-se necessário uma breve explicação sobre os veículos analisados. Classificamos o texto publicado pelos portais Estadão, UOL e R7⁸ como mídia tradicional, ou seja, veículos da grande

⁸ Segundo estudo realizado pela empresa Alexa (do conglomerado da Amazon, nos Estados Unidos, especializada no serviço de tráfego pela internet), os três portais figuraram entre os mais acessados no Brasil em 2019. Disponível em: <https://br.blastingnews.com/tecnologia/2018/05/os-15-sites-mais-acessados-no-brasil-002600989.html>. Acesso em: 20 fev. 2020.

imprensa, dirigidos por grupos empresariais atuantes no mercado midiático nacional, e com finalidades econômicas; na lógica da indústria cultural (Adorno; Horkheimer, 2002), são responsáveis por produzirem informações unilateralmente, destinadas a uma massa receptores. E o texto veiculado pelo portal Bolívia Cultural⁹ como mídia comunitária. Tal conceito já foi trabalhado em estudos anteriores (Escudero, 2007; 2017) e segue, basicamente as orientações de Paiva (2007) e Peruzzo (2003).

Segundo Paiva, a mídia comunitária constitui uma força contra-hegemônica no campo comunicacional; atua em direção a uma estrutura polifônica; produz novas formas de linguagem; capacita-se para interferir no sistema produtivo; gera uma estrutura mais integrada entre consumidores e produtores da mensagem; atua, também, com o propósito de educação e capacitação dos envolvidos; entre outras características.

Já Peruzzo (2003) coloca algumas questões de ordem prática. Segundo a autora, a mídia comunitária tem como objetivo divulgar assuntos das comunidades, de movimentos coletivos e de segmentos populacionais ou do interesse público, que normalmente não encontram espaço na mídia convencional.

É importante que se entenda que a mídia comunitária se refere a um tipo particular de comunicação na América Latina. É aquela gerada no contexto de um processo de mobilização e organização social dos segmentos excluídos (e seus aliados) da população com a finalidade de contribuir para a conscientização e organização de segmentos subalternos da população visando superar as desigualdades e instaurar mais justiça social (Peruzzo, 2003, p. 150).

Apesar de ter como cerne propostas diferentes, como as destacadas acima, sabe-se que a mídia comunitária tende a seguir o modelo da grande imprensa, não no que diz respeito à detenção dos modos de produção e conteúdo, mas principalmente ao formato, geralmente familiar a seus produtores. Nesse sentido, até que chegue à “maturidade” e à real possibilidade de inovação na linguagem (e se levando em consideração dificuldades financeiras para manutenção dos trabalhos), é natural que jornais, rádios, TVs, páginas virtuais etc. comunitários tenham seu formato, *layout* e roteiros, pelo menos em um primeiro momento, inspirados nos da grande imprensa. Exemplos: uso de manchete de impacto e diagramação em colunas e fontes e inserção de fotografias no caso dos veículos impressos; utilização de vinhetas e música de fundo nas produções radiofônicas; comportamento do “repórter” segurando o microfone frente à câmara ou adoção de bancadas no caso das produções em vídeo,

entre outras características. É como se para se legitimar e ser reconhecido como veículo fosse necessário se parecer com um formato midiático conhecido pelo grande público.

3.1. Função de mostração

A função de mostração designa e descreve as coisas e as pessoas de que se fala, estabelecendo relações entre elas e localizando-as no tempo e no espaço, sempre em relação ao que o receptor conheceria do universo em pauta (Pinto, 2002, p. 66).

No caso do material publicado pela imprensa tradicional (representada aqui por UOL, Estadão e R7), sabe-se que ela tem linhas editoriais e estrutura de produção próprias, o que é um elemento importante na produção dos discursos publicados. Além disso, por ser um texto jornalístico, é considerado um discurso organizado segundo certas regras e critérios, normas e convenções. Porém, os três veículos publicaram exatamente o mesmo texto, produzido por *Estadão Conteúdo*, e assinado pelo repórter Felipe Cordeiro – nenhum dos portais destacou um membro de sua própria equipe para cobrir o fato, no intuito de trazer um diferencial ou certo aprofundamento e/ou detalhamento do assunto. Outra questão: o material publicado não se utiliza de nenhum outro recurso multimídia (foto, vídeo etc.), a não ser o texto escrito.

Nesse texto, a pessoa da qual se fala (as vítimas do ataque) são o tempo todo tratadas como “bolivianos”, “imigrante” ou “conterrâneos”. Apenas uma vez são tratadas pelo nome (quando o texto traz a identificação das vítimas (Roger Lipa Chambe, 29 anos, e Santos Rodrigues Apaza, 40 anos) e isso ocorre somente com relação aos mortos, já que a pessoa ferida nos episódios (a terceira vítima) é identificada como “costureiro” – marca relacionada ao que o receptor do discurso, generalizado (e de acordo com o público dos portais noticiosos) conhece sobre o universo tratado – a imagem dos imigrantes bolivianos costuma ser vinculada ao trabalho, normalmente análogo à escravidão, em confecções de roupas da região central de São Paulo.

Sobre o lugar do qual se fala, as marcas utilizadas na produção do discurso têm o objetivo de situar o receptor quanto à localização precisa das ações, sem vincular o território às vítimas. Por exemplo: “(...) na Rua Ministro Francisco, próximo ao acesso à Ponte da Vila Guilherme...” e “(...) na Avenida Condessa Elizabeth Rubiano (pista local da Marginal do Tietê, no sentido da Rodovia Ayrton Senna)”. Observa-se que os locais específicos de ambos os atentados podem não ser familiares ao receptor do discurso, e por isso se encontram contextualizados com pontos geográficos mais conhecidos. O mesmo se aplica à loca-

⁹ Em entrevista a autora deste artigo, realizada em outubro de 2019, o responsável pelo portal Bolívia Cultural, Antônio Andrade Vargas, disse: “O Bolívia Cultural nasceu há 12 anos, mais ou menos. Eu, como boliviano, sentia uma necessidade de criar uma ferramenta que pudesse mostrar a verdadeira realidade do boliviano, do imigrante boliviano, perante a grande mídia que sempre qualificava a Bolívia ou o imigrante boliviano nesse ambiente da anarcocultura, que o país era um produtor de drogas ou o imigrante era um traficante. Isso me incomodava muito. Então precisava criar uma ferramenta que pudesse mostrar, não combater, nem bater de frente, mas só mostrar o outro lado da Bolívia, o outro lado da nossa realidade”.

lização do hospital para onde foram levadas duas das vítimas: o “pronto-socorro do Hospital Municipal do Tatuapé, na zona leste”; e à localização de onde foi encontrado um dos carros utilizados no ataque: “(...) na Rua Juvenal Gomes Coimbra, no Belém, zona leste”.

O repórter que assina o texto – Felipe Cordeiro – é considerado aqui uma fonte externa da matéria, ao lado de outras três fontes de informação explicitadas: 1) a Secretaria de Segurança Pública de São Paulo, que detalha, entre outros pontos, a localização das ações e o modo de atuação dos criminosos. 2) Redes sociais (não descritas e/ou identificadas) que dariam conta de que “os bolivianos estavam participando de um ensaio de música e dança típicas de seu país”; 3) Estadão Dados, que traz números sobre a imigração boliviana para São Paulo.

Além das vítimas e das fontes citadas, aparecem no decorrer do texto algumas “personagens”, entre elas a Polícia Militar (PM), responsável por encaminhar às vítimas ao hospital; a Polícia Civil, que analisou as câmeras de segurança localizadas na região central (que filmaram os veículos utilizados pelos criminosos); o Departamento Estadual de Homicídios e de Proteção à Pessoa (DHPP), que vai investigar os casos; e uma testemunha (não identificada), que socorreu duas das vítimas levando-as à base da PM.

Para o público dos portais, os imigrantes são descritos no texto como “a nacionalidade que mais migrou para São Paulo no século 21”, estratégia reforçada por dados estatísticos: “Entre 2001 e o primeiro semestre de 2017, 292.288 estrangeiros se mudaram para a cidade, dos quais 83.497 eram provenientes da Bolívia”.

Já no caso da mídia comunitária, representada neste trabalho pelo portal Bolívia Cultural, o texto produzido é exclusivo, isto é, não foi reproduzido em nenhum outro portal. Além disso, adicional ao texto escrito, o material veiculado conta com um vídeo de sete minutos com entrevistas e demais informações sobre o caso. No texto, todas as vítimas são apresentadas com seus nomes, idades e locais de origem, sem, por sua vez, serem classificadas como “imigrantes” ou “bolivianos”: “As vítimas fatais do crime são Roger Lipa Chambi (29), natural de Sorata – La Paz, e Santos Rodrigues Apasa (49), natural da província Muñecas – La Paz; o sobrevivente é Tito Cruz Vilca (31), natural da província Murillo – La Paz da Bolívia”. Detalha ainda que as vítimas “eram músicos da banda boliviana ‘SUPER EXPLOSIÓN’, grupo que atua a (SIC) um ano acompanhando as fraternidades folclóricas de bolivianos nos eventos culturais, expondo a diversa cultura trazida pelos imigrantes bolivianos para o Brasil”.

Sobre o local do qual se fala, o texto traz a localização exata, com pontos de referências – “na Rua Ministro Francisco Campos (Ponte da Vila Guilherme) no bairro do Pari” – assim como visto no material da imprensa tradicional, porém, complementa:

O local do crime era utilizado como espaço cultural de grupos folclóricos bolivianos, o ambiente mesmo sem ter a estrutura mínima de segurança e higiene era utilizado como espaço de ensaio de danças, de música autóctone e de bandas da comunidade boliviana (Bolívia Cultural, 2019).

O texto publicado pelo Bolívia Cultural não é assinado, ou seja, a autoria não está explicitada como vimos no caso da imprensa tradicional. No entanto, traz como fontes entrevistas com diferentes pessoas realizadas no 12º Distrito Policial do Pari (onde o caso foi registrado), entre autoridades e familiares das vítimas, e fontes do Centro Integrado do Imigrante, no bairro do Brás, em São Paulo. Nesse sentido, são destacados aspectos mais humanos do caso, como o fato de que o crime “deixa (duas) viúvas, (cinco) crianças e (dois) adolescentes agora órfãos de pai” e “Os corpos serão acompanhados [até a Bolívia] pelas esposas (...). As esposas pretendem retornar para São Paulo acabado o enterro dos esposos, elas comentam que tem filhos estudando e não querem que percam o ano de escola, até o fim do ano decidirão se retornam definitivamente para a Bolívia”.

Tal conteúdo não exclui do texto a utilização de fontes oficiais. Um exemplo é a Secretaria de Justiça e Cidadania do Estado de São Paulo, que emitiu uma nota repudiando a ação criminosa contra os integrantes da comunidade boliviana de São Paulo. “A Secretaria da Justiça e Cidadania lamenta o ataque sofrido na noite deste domingo, na capital, que vitimou imigrantes bolivianos, e reitera que repudia qualquer forma de violência (...)”.

Outras personagens que aparecem no discurso produzido pelo Bolívia Cultural são os filhos e a família das vítimas; o DHPP e sua equipe de investigadores, responsáveis pelo caso; a Prefeitura de São Paulo, com a qual representantes dos imigrantes bolivianos têm conversado sobre a necessidade de se construir o “Centro da Cultura Bolívia – Brasil” na cidade; a comunidade boliviana de São Paulo, que se mobilizou em uma campanha para arrecadar dinheiro para ajudar as famílias das vítimas a suprir gastos com enterro, deslocamento etc.; um “cigano”, apontado pelos investigadores como uma das pessoas que dirigia um dos carros utilizados no crime e que foi preso 12 horas depois do ocorrido; e o Consulado Boliviano, que iria mediar o traslado dos corpos para a Bolívia.

Para o público externo, os imigrantes bolivianos são apresentados (sem citação de fontes) como “a segunda maior população de imigrantes do Brasil”, com uma “série de grupos folclóricos de grande expressão”, que atuam na cidade há mais de 30 anos.

3.2. Função de interação

A função interação interpela e estabelece relações de poder com o receptor, na tentativa de cooptá-lo e de agir sobre ele ou sobre o mundo por seu intermédio.

Aqui, o emissor reproduz “hierarquias sociais reconhecidas no interior da instituição em que o processo de comunicação se dá, reforçando-as ou modificando-as segundo determinadas estratégias persuasivas (Pinto, 2002, p. 67).

Entre as estratégias persuasivas utilizadas no texto publicado pela imprensa tradicional, destacam-se alguns operadores de modalização, envolvendo a utilização de frases assertivas, frases estruturadas na voz passiva de modo a valorizar o fato e não nos sujeitos envolvidos (Ex.: “A motivação dos homicídios é desconhecida” ou “Foram solicitados carro de cadáver às duas vítimas que morreram e perícia nos locais do crime”). Além disso, destacamos a ausência de verbos de valor performativo e declarações textuais.

No caso do texto produzido pelo Bolívia Cultural, destacam-se como estratégias persuasivas utilizadas operadores de modalização como: adjetivos (“o covarde crime”, “o violento crime” etc.), frases assertivas, verbos de valor performativo (“Assassinato acaba com sonho de duas famílias bolivianas”) e declaração textual do sobrevivente (“Como ao redor não tinham residências que possamos incomodar, era local dedicado ao ensaio das nossas apresentações”).

3.3. Função de sedução

A função de sedução consiste em marcadores no texto que revelam valores positivos e ou negativos da informação e/ou ainda demonstram “uma reação afetiva favorável ou desfavorável” às pessoas, coisas e acontecimentos descritos no texto (Pinto, 2002, p. 67-68).

Sobre o texto publicado pela imprensa tradicional, a julgamos de maneira geral – posição que é reforçada pelo título da matéria: “Três bolivianos são baleados no Pari; dois morrem” – a notícia tem aspecto negativo, uma vez que aponta para um ato de criminalidade, de violência urbana etc.. Além disso, o fato de pontuar que “Ninguém foi preso” pode ser visto como uma referência à impunidade presente na sociedade brasileira nesse tipo de situação.

De modo específico sobre a questão migratória, o texto aponta, simultaneamente, para outro sentido negativo, o da criminalização das vítimas, ou seja, de que os imigrantes bolivianos sofreram o ataque porque estavam celebrando sua cultura, uma vez que o texto não esclarece sobre a motivação da ação criminosa, e nem dá outras pistas. Exemplos: “Os bolivianos (...) vivem principalmente nos bairros do Bom Retiro e do Pari, no centro, onde costumam se reunir aos fins de semana para celebrar sua cultura” ou “os bolivianos estavam participando de um ensaio de música e dança típicas de seu país”.

Vale destacar que, nesse caso, o dispositivo de enunciação é constituído pelo repórter, como dissemos, um enunciador externo. Ele exerce a função de mediador da informação, dentro das normas jornalísticas contemporâneas, e reivindica a objetividade e isenção na narração dos fatos.

O problema que o emissor tem de resolver (...) é o de reforçar os valores hegemônicos vigentes no interior da instituição em que se dá o processo de comunicação ou de procurar modifica-lo segundo novas estratégias persuasivas tornadas possíveis por mudanças nas condições sociais de produção (Pinto, 2002, p. 68).

Já no texto publicado pelo Bolívia Cultural, o sentido é explicitamente negativo, uma vez que repudia o que aconteceu com os imigrantes bolivianos, porém, há uma ação positiva no que diz respeito às consequências:

A (SIC) muito tempo tem se discutido entre articuladores culturais e autoridades da comunidade boliviana com autoridades culturais da Prefeitura e do Estado de São Paulo a necessidade iminente de construir o Centro da Cultura Bolívia – Brasil, um local onde a diversa cultura e folclore boliviano seria exposto com segurança, e estrutura que possa fortalecer ainda mais expressões culturais bilaterais entre ativistas culturais bolivianos e brasileiros.

Após a perda de duas vidas, a pauta deve ser retomada com muita mais objetividade entre ativistas culturais e autoridades, tendo em conta que o direito à vida é um dos direitos garantidos do ser humano (Bolívia Cultural, 2019).

4. O reconhecimento dos elementos discursivos de identificação (“nós” e o “outro”) atualizados a partir de Park e Simmel

A análise acima nos revela muito mais que as funções de mostração, interação e sedução do discurso, conforme Pinto (2002). Nos mostram como as ideias de Park e Simmel (discutidas brevemente no item 2 deste artigo) permanecem e compõem o discurso midiático contemporâneo.

O texto analisado da mídia tradicional, segundo, principalmente, a função de mostração, revelou uma relação de proximidade e distância do imigrante com a sociedade de acolhida (por meio, principalmente, do compartilhamento de um mesmo território), da qual nos fala Simmel (2005). Pelas estratégias discursivas utilizadas, o boliviano parece próximo, uma vez que, além de ganhar destaque na mídia, se iguala em termos de cidadania a um morador local: o DHPP está investigando o caso, as vítimas foram socorridas e atendidas no hospital etc. Porém, segue sendo o outro, o marginal (Park, 2017) – chamado de “imigrante”, de “boliviano”, o tempo todo – não havendo laços de pertença social apesar de as próprias informações de caráter estatístico contidas no texto reconhecer que eles estão em São Paulo há muito tempo e em grande número.

Verifica-se ainda um tipo de estranhamento (Simmel, 2005; Park, 2017), como nos mostrou, em especial, a função de sedução. Conforme visto, o discurso construído publicado nos veículos tradicionais diz que os imigrantes “costumam se reunir aos fins

de semana para celebrar sua cultura”, como se isso não fosse feito também pela população local ou que a população local não participasse das celebrações bolivianas – no compartilhamento de realidades sociais comuns. Ou, ainda, como se eles não pudessem participar da cultura local, tendo que ser mantida a “sua cultura”.

Tais ideias de o imigrante como “o estrangeiro” (Simmel, 2005) ou o “homem marginal” (Park, 2017) tende a ser refutada apenas pelo discurso produzido e publicado pelo portal Bolívia Cultural. Conforme vimos na análise do texto, principalmente pela função de mostraçã, os imigrantes retratados (vítimas dos ataques) têm nome, sobrenome, história, família, atividade etc. São cidadãos locais e pertencentes a uma comunidade, não apenas no sentido físico (do território) como no sentido de fraternidade (se mobilizaram em uma campanha para ajudar financeiramente as famílias das vítimas).

Além disso, há a ideia de cidadania para muito além dos direitos, mas de participação (revelada no diálogo com a Prefeitura e o governo estadual para a construção de um centro de cultura). Aliás essa mesma questão serve de crítica à ideia de marginalidade, uma vez que o Centro da Cultura Bolívia – Brasil (proposta dos imigrantes bolivianos) seria um local onde “a diversa cultura e folclore boliviano seria exposta com segurança e estrutura para fortalecer ainda mais expressões culturais bilaterais entre ativistas culturais bolivianos e brasileiros”.

Outro ponto é a identificação – conforme nos indicou a função de sedução – de um discurso, apesar de conotação negativa, mais humano de sujeitos que têm culturas diferentes – destacadas por relações de proximidade e distância – mas que podem ser negociadas e recriadas longe de conflitos e por meio da criação de laços de pertencas e compartilhamento de realidades comuns, numa referência a Simmel: o fato de transitar por diferentes grupos apresenta a possibilidade de ruptura, mas também de transformação.

Por outro lado, é preciso ressaltar que, apesar desses pontos, a mídia comunitária ainda precisa de avanços com relação à inovação e ao reforço de sua característica de servir como uma força contra-hegemônica (em referência ao conceito de hegemonia, de Gramsci) no campo comunicacional ao se utilizar de outras fontes e estruturas que favorecem segmentos excluídos da sociedade, além de novas linguagens e formatos que ultrapassem os modelos já conhecidos e estabelecidos (que, por uma limitação de caracteres, não chegamos a enfatizar neste artigo).

No caso desse estudo, fica claro, por exemplo, que a própria linha fina do título¹⁰ da matéria do Bolívia Cultural – “Cigano assassinou dois músicos bolivianos com arma de fogo, um terceiro foi ferido no braço e peito é já foi dado de alta” – tende a reforçar o discurso hegemônico sobre imigrantes e minorias

étnicas, verificado nos veículos tradicionais. Outro exemplo é o fato de que, em um contexto atual de crescente feminização da migração, é problemático as mulheres aparecerem no discurso do Bolívia Cultural, apenas como coadjuvantes (família), reforçando estereótipos e comprometendo a produção de discursos diversos. Segundo Hondagneu-Sotelo (2007, p. 425), é preciso reconhecer nos diferentes discursos sobre processos migratórios, a maneira pela qual múltiplas masculinidades e feminilidades se relacionam e estão interconectadas de modo importante com questões de classe, raça, etnia e nacionalidade.

5. Considerações finais

Os textos produzidos pela imprensa – que classificamos neste trabalho como discursos midiáticos tradicional e comunitário – são fundamentais não só para o registro histórico dos fatos, mas, também, para a constituição de uma identidade social e cultural. Nesse sentido, procuramos destacar como o conflito de vozes presentes nos textos publicados por representantes da grande mídia – portais Estadão, UOL e R7 – e da mídia comunitária (*de e para* imigrantes) – representada aqui pelo Bolívia Cultural – têm, entre outras questões, particular relevância na construção das imagens de “nós” e do “outro”, no que diz respeito aos estudos migratórios.

Para isso, optamos por uma Análise do Discurso com o objetivo de pontuar as três funções do discurso, de acordo com as orientações de Pinto (2002): de mostraçã, interação e sedução. Nesse sentido, procuramos destacar como é construída a imagem do imigrante boliviano que vive em São Paulo, quais são suas relações com o território e a sociedade local, no contexto de produção que envolve, ainda, a relação ao que o receptor do veículo conheceria sobre esse universo. Além disso, buscamos esclarecer as estratégias persuasivas (por meio de operadores de modalização) utilizadas pelos autores do texto, bem como marcadores capazes de revelar valores positivos e ou negativos da informação veiculada.

Assim, nossa hipótese – a de que o imigrante contemporâneo ainda é representado pelo discurso tradicional e hegemônico como “o estrangeiro”, de Simmel, e o “homem marginal”, de Park, e que outras formas de discurso, como o comunitário, podem se apresentar como um recurso para tal desconstrução ao disseminar informações e instrumentos que favorecem outras leituras, mais críticas e conscientes da realidade – foi parcialmente confirmada.

Ao estabelecer a relação “nós” e o “outro”, o discurso da mídia tradicional privilegia as diferenças, trata o imigrante como um estranho, em uma relação de proximidade e distância, simultaneamente. O imigrante é aquele que não faz parte da cultura local,

¹⁰ Na linguagem jornalística, linha fina é uma breve sentença (frase), imediatamente seguida do título da reportagem, com a função de complementá-lo, descrevê-lo e/ou destacar fatos principais da notícia.

sendo confinado a territórios específicos (“guetos”), espaços esses onde exerce sua “cultura autóctone”. Ele vive em condições marginais, por não pertencer à cultura local, apesar de ser um componente da sociedade de acolhida, argumento baseado inclusive com dados estatísticos.

Tal imagem de “o estrangeiro” e de o “homem marginal”, no entanto, tende a ser desconstruída pelo discurso produzido pela mídia comunitária, revelando, simultaneamente, avanços e retrocessos nos estudos migratórios e comunicacionais. Ao indicar laços de pertencimento, participação social, identificação cultural, entre outras questões abordadas, verifica-

se que o fato de o imigrante transitar por diferentes grupos ganha conotação positiva ao apresentar não a possibilidade de ruptura, mas de continuidade, em um processo subjetivo de transformação. Por outro lado, também reforçada pela questão de seguir modelos e formatos conhecidos do grande público estabelecidos pela mídia tradicional, a mídia comunitária tem um longo caminho ainda para a inovação e a construção de discursos para além do “nós” e do “outro”, incorporando temáticas e visões capazes de contribuir para a conscientização social, ampliação da esfera pública e visibilidade de outras culturas e ações.

6. Referências

- Adorno, T., & Horkheimer, M. (2002). A indústria cultural – o iluminismo como mistificação das massas. In: T. Adorno, & M. Horkheimer. *Indústria cultural e sociedade*. Paz e Terra.
- Escudero, C. (2007). *Imprensa de comunidades imigrantes de São Paulo e identidade: estudo dos jornais ibéricos Mundo Lusíada e Alborada*. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo.
- Escudero, C. (2017). *Comunidades em festa: a construção e expressão das identidades sociais e culturais do imigrante nas celebrações das origens*. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro.
- Hondagneu-Sotelo, P. (2007). La incorporación del género a la migración: no solo para feministas y no solo para la familia. In: Ariza, M.; Portes, A. *El país transnacional: migración mexicana y cambios a través de la frontera*. Universidad Autónoma de México, pp. 423-451.
- Paiva, R. (2007). Para reinterpretar a comunicação comunitária. In Paiva, R. (Org.). *O retorno da comunidade* (p. 133-148). Mauad X.
- Park, R. E. (2017). A migração humana e o homem marginal [1928]. Trad. Mauro G. P. Koury. *Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia*, 1(3), 114-123.
- Peruzzo, C.M.K. (2006). Mídia Local e Suas Interfaces com a Mídia Comunitária no Brasil. *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona*, 4, 141-162.
- Pinto, M.J. (2002). *Comunicação e discurso – Introdução à análise do discurso*. Hacker editores.
- Sayad, A. (1998). *A imigração*. Edusp.
- Simmel, G. (2005). O estrangeiro [1908]. Trad. Mauro G. P. Koury. *RBSE – Revista Brasileira da Sociologia da Emoção*, 4, 2, 265-271.

Camila Escudero. Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com período de pesquisa no Latin American and Latin Studies Program da University of Illinois at Chicago (UIC). Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, na linha de pesquisa Comunicação Comunitária, Territórios de Cidadania e Desenvolvimento social. Assistente de pesquisa no Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) no projeto Mapa das OSCs. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9399-1207>